

Nomes predicativos e construções neutras¹

Jorge Baptista^{1,2}, Sónia Reis^{1,2}, Nuno Mamede^{2,3}

¹Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Faro, Portugal

²INESC-ID Lisboa - Human Language Technology Lab, Lisboa, Portugal

³Universidade de Lisboa, Instituto Superior Técnico, Lisboa, Portugal

Abstract

This paper, developed within the Lexicon-Grammar theoretical and methodological framework, analyses the predicate noun and support-verb constructions that admit the syntactic transformation: *O médico fez um raio-x ao tórax do Pedro = O Pedro fez um raio-x ao tórax* (lit.: ‘The doctor did a x-ray to the chest of Pedro/Pedro did a x-ray to the chest’) ‘The doctor x-rayed Pedro’s chest/Pedro had a chest x-ray’; in this sentence, *raio-x* ‘x-ray’ is a predicate noun and *fazer* ‘do’ is the support verb. The paper proposes to relate the two sentences by a formal operation, the *Neuter* transformation. About 275 predicate nouns, expressing a variety of semantic predicates, and involving body-part nouns, admit this transformation. The paper aims to determine the lexical-syntactic conditions to the application of the *Neuter* transformation, contrasting it with other transformations (Dative Restructuring, Conversion, and Fusion), and presents the main regularities observed, discussing the choice of a base form from the alternative sentences and its formalization within the lexicon-grammar, a comprehensive data base of predicate nouns and support verb constructions currently with about 9,100 nominal predicates. The analysis is supported with data from corpora and other on-line sources. The study is part of an on-going program for the systematic description of the lexical-syntactical properties of predicate noun constructions in European Portuguese.

Keywords: European Portuguese, predicate noun, support-verb, neutral construction, conversion.

Palavras-chave: Português europeu, nome predicativo, verbo-suporte, construção neutra, conversão.

1. Introdução

Neste artigo, apresentamos um estudo léxico-sintático, suportado com dados retirados de *corpora* e da *internet*, a partir do levantamento das construções com verbo-suporte (CVS) e nome predicativo (M. Gross, 1981) que admitem a seguinte alternância, exemplificada em (1)=(2):

- | | | |
|-------|--|-----|
| (1) | O médico fez um raio-X ao tórax _i do Pedro _i | (A) |
| = (2) | O Pedro _i fez um raio-X ao tórax _i | (N) |

Nesta frase, *raio-X* é um nome predicativo suportado pelo verbo-suporte *fazer*, formando os dois o núcleo predicativo da frase, sendo o nome, nestas construções, o elemento lexical responsável pelas restrições de seleção impostas ao preenchimento lexical das posições argumentais. Pelas modificações formais observadas, estas construções do tipo ilustrado em (1), a que chamamos *agentivas* (A), e a sua contraparte, ilustradas por (2) e a que chamamos *neutras* (N), constituem um problema de classificação interessante, na medida em que se torna necessário não só determinar a construção de base a partir da qual as formas sintáticas que formam esta

¹ Parte da investigação para este artigo foi suportada através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ref. UIDB/50021/2020).



classe de equivalência transformacional são obtidas, mas também dar conta da invariância de significado global da construção, nomeadamente da manutenção dos papéis semânticos dos diferentes constituintes (v.g. *médico, tórax, Pedro*) ao longo das construções alternativas admitidas. Iremos aqui propor uma relação formal (uma transformação, no sentido harrissiano: Harris, 1964, 1991) a relacionar estas construções, que dê conta das diferenças formais e da interpretação particular de cada uma. Este artigo dá, pois, continuidade aos trabalhos desenvolvidos no quadro teórico-metodológico do Léxico-Gramática (M. Gross, 1996), nomeadamente os de Dias de Barros (2014) e Dias de Barros *et al.* (2016), feitos sobre as construções com verbo-suporte *fazer* no português do Brasil, onde já se assinalara o fenómeno. Veremos, também, outros trabalhos que trataram as construções com *fazer* em português europeu (Chacoto, 2005).

Neste sentido, estas construções são abordadas no quadro de um programa mais abrangente de construção de um léxico-gramática dos nomes predicativos do português europeu (Baptista & Mamede, 2020b), desenvolvido neste mesmo quadro teórico-metodológico, e que, além de suportar a investigação linguística dos fenómenos associados a estas construções, visa o seu reconhecimento e processamento automático em textos. Esta dimensão material do léxico-gramática toma a forma de uma base de dados linguísticos, atualmente com cerca de 9.100 entradas léxico-sintáticas, em que os nomes predicativos (sobretudo os mais usuais da língua) são descritos em conjunto com as respetivas *propriedades estruturais* (número e tipo de argumento: nominal/oracional; natureza finita/infinitiva das orações subordinadas completivas), *distribucionais* (oposição humano / não-humano, eventualmente especificada por classes semânticas/distribucionais particulares: nomes parte-do-corpo, de animais, vestuário, máquinas, de lugar, etc.; seleção do verbo-suporte para cada construção admitida; escolha das preposições que introduzem os complementos) e *transformacionais* (diversas operações formais como pronominalização: reflexa, dativa; Conversão (G. Gross, 1989; Baptista, 1997b), formação de grupo nominal, entre outras). O presente estudo abrange, assim, uma muito mais extensa base empírica do que os trabalhos anteriores, considerando todo o subsistema da gramática dos nomes parte-do-corpo numa visão de conjunto e no quadro mais vasto do Léxico-Gramática dos nomes predicativos.

O estudo releva cerca de 275 nomes predicativos que admitem esta transformação (1)-(2) e considera estas construções especialmente no conjunto dos predicados nominais que selecionam um nome parte-do-corpo para complemento (cerca de 500). Entre outras propriedades a analisar, o estudo determinará as condições léxico-sintáticas à aplicação da transformação, contrastando-a com as operações de Reestruturação Dativa, de Conversão e Fusão (G. Gross, 1989; Leclère, 1995; Baptista, 1997b).

Muitos exemplos usados neste artigo foram retirados de corpora ou da internet e encontram-se indicados com a respetiva referência ou fonte. Os restantes são exemplos construídos, frequentemente inspirados em exemplos reais, mas aqui simplificados para exibirem de forma mais clara as propriedades em análise. Assim, por exemplo, a combinatoria {*raio-x, tórax*} pode encontrar-se abundantemente atestada na internet, seja na construção ilustrada em (1):

“Assim que o levei para o veterinário, *fizeram-lhe* um *raio-X* ao *tórax* [...]”²

ou na construção exemplificada em (2):

“Na primeira visita às urgências pediátricas, João Pedro *fez* um *raio-x* ao *tórax* [...]”³

De um modo geral, as construções dos nomes predicativos registadas no léxico-gramática são sistematicamente verificadas em diferentes fontes, sobretudo aquelas construções cuja aceitabilidade nos suscita alguma reserva. Por uma questão de economia, apresentamos no texto sobretudo estes exemplos construídos.

² <https://www.gofundme.com/f/ajudemme-a-pagar-a-operao-do-melog> (acesso: 28/07/2022).

³ <https://sol.sapo.pt/artigo/711666/rapaz-de-17-anos-morre-por-miocardite-nao-dagnosticada-a-tempo> (acesso: 13/10/2020).



O artigo está estruturado da seguinte forma: primeiro (§2), apresentamos de forma muito sucinta os conceitos e as principais propriedades definitórias das construções com verbos-suporte e nome predicativo; depois (§3), introduzimos o tema principal do artigo, descrevendo a alternância entre as construções *agentivas*, ilustradas por (1) e as *neutras* (2), para as relacionar, em seguida com a operação de Reestruturação Dativa (§4). É neste quadro que melhor definiremos a transformação Neutra (§5), enquadrando e discutindo (§6) o problema da determinação das formas de frase da base no léxico-gramática. Tal levar-nos-á em (§7) a comparar as soluções descritivas aqui preconizadas com as que já foram adotadas noutros quadros de análise, nomeadamente nas construções verbais com nome parte-do-corpo. Outro aspeto importante, dada a sua semelhança formal e semântica, consistirá em distinguir a construção neutra das construções nominais conversas (§8). Fazemos um breve apontamento sobre os nomes predicativos derivados eruditamente de nomes parte-do-corpo (§9), através de um processo morfossintático (transformacional) de Fusão, e que apresentam, de forma regular, a propriedade de aceitarem a construção neutra. Finalmente (§10), fazemos uma descrição mais compacta dos dados relevados, que nos permitirá concluir (§11) apresentando uma noção integrada do lugar desta construção neutra no subsistema das construções predicativas nominais com nome parte-do-corpo.

2. Conceitos de construção de nome predicativo e de verbo-suporte

Começamos por definir os conceitos de *nome predicativo* e de *verbo-suporte* que esteiam todo o artigo. Os nomes predicativos são nomes que exprimem predicados semânticos e que desempenham a função de núcleo predicativo da *frase elementar* – ou *frase da base* da gramática, para usar o termo harrissiano, de Harris (1991), entendida aqui como a expressão sintática de um predicado semântico (M. Gross, 1981). Estes nomes são *operadores*, no sentido harrissiano do termo (Harris, 1964, 1978, 1982, 1991), na medida em que selecionam argumentos, determinando o número e o tipo de argumentos da respetiva construção, determinando ainda as propriedades estruturais (sintáticas), distribucionais (semânticas) e transformacionais dessa construção. Os verbos-suporte, por sua vez, são verbos que funcionam como elementos auxiliares dos nomes predicativos, são geralmente vazios de sentido, servindo sobretudo para veicular os valores gramaticais (flexão) de tempo-modo e pessoa-número que os nomes não podem exprimir; ou, dizendo de outro modo e recuperando a feliz analogia de M. Gross (1981), os verbos-suporte servem basicamente para “conjuguar” os nomes predicativos.

As construções nominais com verbo-suporte (CVS) apresentam um conjunto de propriedades características que permitem distingui-las de outras construções sintáticas formalmente idênticas desses mesmos verbos quando eles funcionam como um verbo pleno (Ranchhod, 1990; Baptista, 2005). Por exemplo, nas frases:

(3) O Pedro deu um beijo à Ana

(4) O Pedro deu um livro à Ana

apesar de formalmente idênticas, o verbo *dar* desempenha em (3) a função de verbo-suporte do nome predicativo *beijo*; enquanto que, em (4), com *livro*, *dar* apresenta o estatuto de verbo pleno (ou distribucional), já que não é possível inserir um determinante ou modificador de *beijo* que coloque este nome predicativo fora da esfera de referência do sujeito:

(5) */^oO Pedro deu o meu beijo/o beijo do João à Ana

(pelo menos sem modificação do significado, nomeadamente, ‘em vez de mim/em vez do João’, o que se assinala com ‘°’; como sucede, por exemplo, em: *Dá um beijo meu a Jurka*⁴ [itálico nosso]); ao passo que tal não sucede quando *dar* aparece combinado com o nome concreto *livro*:

⁴ <https://www.linguateca.pt/CETEMPublico/> [par=ext1518428-pol-92b-1] (acesso: 02/09/2022).



(6) O Pedro deu o meu livro/o livro do João à Ana.

Isto sucede porque, em (3) *Pedro* é argumento (**agente**) de *beijo*, que é o núcleo predicativo dessa frase, e não de *dar*, o verbo-suporte; mas é argumento de *dar* na frase (4) em que este é um verbo pleno.

Outras propriedades atestam essas diferenças, como a possibilidade de extração com *ser...que*, em conjunto ou separadamente, do nome predicativo *beijo* (7) e do complemento à Ana (8):

- (7a) Foi *um beijo* que o Pedro deu à Ana ...,
- (7b) Foi *à Ana* que o Pedro deu um beijo ...,
- (8) Foi *um beijo à Ana* que o Pedro deu ... ;

Esta dupla possibilidade de extração do complemento à Ana demonstra que este se comporta quer como complemento do nome predicativo, podendo ser extraído em conjunto com *beijo* (8), quer como complemento do verbo, podendo ser extraído separadamente (7b); ora, tal não sucede na frase com verbo pleno *dar*, já que este constituinte é aqui o complemento (indireto) do verbo.

- (9a) Foi *um livro* que o Pedro deu à Ana ...
- (9b) Foi *à Ana* que o Pedro deu um livro ...
- (10) *Foi um livro à Ana que o Pedro deu...

As CVS caracterizam-se ainda pela possibilidade de o verbo-suporte admitir variantes, de natureza aspetual ou estilística, sem que o significado global da frase se altere:

(11) O Pedro deu/pregou um beijo à Ana,

sendo a escolha dos verbos-suporte função do nome predicativo da construção – é o nome que seleciona o seu suporte e não o contrário:

(12) O Pedro deu/*pregou/prestou auxílio à Ana
(cp.*O Pedro prestou um beijo à Ana).

Aos verbos-suporte que apresentam uma distribuição mais lata face aos nomes predicativos no léxico, geralmente mais neutros (ou esvaziados) do ponto de vista do significado dá-se o termo de verbos-suporte elementares (M. Gross, 1981), sendo a determinação das respetivas variantes uma questão ainda em aberto, dada a diversidade de elementos lexicais envolvidos. Refira-se, a propósito, que certos verbos desempenham a função apenas (ou sobretudo) de verbo-suporte (e.g. *cometer*): O Pedro cometeu um crime.

Outro aspeto importante desta natureza auxiliar dos verbos-suporte resulta da possibilidade de as construções com verbo-suporte darem origem a estruturas mais compactas, grupos nominais ou preposicionais, em que esses verbos se reduziram, continuando, no entanto, o nome predicativo a exprimir o mesmo predicado semântico e a manter as relações sintático-semânticas com os respetivos argumentos. Trata-se de expressões, associadas a construções relativas, cuja forma permite inserir estes nomes predicativos, com os seus argumentos, sob outros elementos predicativos (verbos, adjetivos e até outros nomes predicativos):

- (12a) o auxílio/beijo do Pedro à Ana = o auxílio/beijo que o Pedro deu à Ana
- (12b) <O Rui criticou> o auxílio/beijo do Pedro à Ana
- (12c) O auxílio/beijo do Pedro à Ana <foi impressionante/teve repercussões graves>



Finalmente, não será talvez inútil recordar que muitos predicados nominais são predicados autónomos, sem qualquer construção adjetival ou nominal equivalente, e cuja determinação não depende da existência no léxico-gramática da língua dessas outras construções. Assim, a existência de uma relação de nominalização entre *dar uma bofetada* = *esbofetear* é vista como um mero acidente da estrutura morfológica da língua. As propriedades que vimos acima permitem definir este nome com um nome predicativo descrever a respetiva construção independentemente da eventual relação com uma construção verbal. Do mesmo modo, numerosos outros nomes (*bolacha/bolachada, bofetão, estalada, estalo, latada, pera, sopapo, tabefe, tapa*) deverão ser analisados como predicados nominais (alguns exclusivos de uma das variantes da língua, outros específicos de um registo mais familiar, etc.), integrando-os adequadamente no léxico-gramática da língua, mesmo que nela não existam (pelo menos ainda) construções verbais equivalentes. Nesse sentido, a noção de verbo-suporte tem um papel fundamental como instrumento de descrição linguística, inclusive pela dimensão lexical do fenómeno das construções predicativas nominais.

Não sendo possível fazer aqui uma apresentação mais completa das CVS, remetemos o leitor para a extensa literatura sobre o tema, desde logo M. Gross (1996, 1998) e B. Lamiroy (1998), mas sobretudo a revisão recente de Fotopoulou *et al.* (2021), bem como os trabalhos aí referidos.

3. A alternância entre construções agentiva e neutra

Em ambas as construções apresentadas acima (que retomamos abaixo, renumerando-as) o núcleo predicativo é uma construção com verbo-suporte (CVS), constituído pelo verbo-suporte (*fazer*) e o nome predicativo (*raio-X*), que seleciona os seus argumentos (sujeito e complementos).

- (13) O médico fez um raio-X ao tórax_i do Pedro_i (A)
 = (14) O Pedro_i fez um raio-X ao tórax_i (N)

Observa-se uma alternância entre a construção (A) e (N) em que, apesar das diferenças entre as duas estruturas, se mantém, no essencial, o predicado expresso pela combinação do verbo-suporte e do nome predicativo, *fazer um raio-x*. Tentaremos, nas linhas que se seguem, determinar a estrutura deste predicado semântico.

Na construção de (13), a que chamamos *agentiva* (A), encontramos um sujeito humano com o papel semântico de **agente** e um complemento cujo núcleo é constituído por um nome parte-do-corpo (*Npc*), *tórax*, e que poderíamos descrever como tendo o papel semântico de objeto (assinalamos a negrito os papéis semânticos, os quais definimos com base em Baptista & Mamede, 2020a, a partir de Talhadas *et al.*, 2013). Este *Npc* é acompanhado de um complemento determinativo *de Hum*, isto é, um nome humano que estabelece com aquele *Npc* uma relação meronímica (ou parte-todo, também chamada de posse inalienável; Boons, Guillet & Leclère, 1976a, 1976b; Guillet & Leclère, 1981, 1992) (nos exemplos acima, esta relação meronímica é indicada pelos índices de correferência 'i').

Por seu turno, na construção (14), a que chamamos *neutra* (N), este nome humano aparece agora na posição de sujeito, mantendo-se o complemento preposicional *Prep Npc* = *ao tórax*, com o mesmo valor de **objeto** e não se alterando a relação de correferência meronímica entre o nome humano na posição de sujeito e o nome parte-do-corpo na posição de complemento. Contudo, o elemento humano com papel semântico de **agente** em (A) desaparece em (N) e não é evidente que, nesta última construção, o sujeito tenha essa interpretação. Para melhor determinar a interpretação do sujeito da construção (N), analisaremos, a seguir, uma outra construção associada a (A).

4. Reestruturação dativa



Estas construções, por sua vez, estão relacionadas com a forma de frase (R), ilustrada em (15) e que consideramos como resultante de uma operação a que Leclère (1995) chamou de Reestruturação Dativa:

(13) = (15) Ao Pedro_i # o médico fez-**lhe**_i um raio-X ao tórax_i (R)

Neste último exemplo, o complemento *ao Hum= ao Pedro* apresenta-se sob a forma de um pronome dativo *lhe*. Embora a aplicação da reestruturação à frase (13) seja mais natural com o complemento indireto *ao Pedro* reduzido a pronome, este pode ser recuperado, como se ilustra em (15), por uma *extraposição* (na extraposição de constituintes, mecanismo transformacional associado, sobretudo, a processos de ênfase ou de *distinguo*, o elemento deslocado/extraposto deixa em seu lugar uma cópia pronominal, cujo caso gramatical denota a função sintática desse elemento).

Dizemos, então, que o constituinte único *ao tórax do Pedro* de (13) sofreu uma operação de reestruturação, tendo-se cindido em dois constituintes distintos: o complemento *do Pedro*, que era complemento (genitivo) do nome *tórax*, passa a funcionar como complemento (dativo) da construção nominal, passando a ficar mais estreitamente ligado ao núcleo predicativo da frase (o conjunto formado pelo verbo-suporte e o nome predicativo); e, por outro lado, o complemento preposicional com o nome parte-do-corpo não se altera. Note-se que, apesar da profunda alteração da estrutura sintática, não só o significado global mas também as relações semânticas entre os constituintes não se alteram, mantendo-se, nomeadamente, tanto a relação meronímica entre o pronome dativo e o nome parte-do-corpo (assinalada pelos índices de correferência ‘i’), como a interpretação agentiva do sujeito de ambas as frases.

A operação de *Reestruturação de grupo nominal* é de uma grande generalidade na língua (Guillet & Leclère, 1981; Leclère, 1995), tendo já sido observada não apenas em construções nominais (Baptista, 1997b; Baptista & Mamede, 2020b), mas igualmente em numerosas construções verbais, tanto livres (Baptista, 2013; Baptista & Mamede, 2020a), como construções fixas/idiomáticas (Galvão *et al.*, 2019a; Galvão *et al.*, 2019b).

Passando, então, à interpretação do complemento dativo, na construção (R), o papel semântico deste complemento parece agora mais evidente. Trata-se do **paciente** do processo, um papel semântico que, em (A), se encontra algo mitigado pelo facto de este nome se encontrar na posição sintática de complemento do nome parte-do-corpo, o que faz sobressair especialmente a relação meronímica entre esses dois nomes.

Poderia, eventualmente, levantar-se alguma objeção quanto à generalidade do processo de Reestruturação, dado ter-se recorrido, em (15) a uma extraposição. Efetivamente, a frase com o complemento dativo não reduzido a pronome (15a) é pouco natural (*?*) ou mesmo inaceitável (**), facto a que não será estranho a concomitante presença da preposição *a* a introduzir tanto o nome parte-do-corpo como o complemento indireto, independente da ordem destes constituintes na frase:

(15a) */?*O médico fez um raio-x (ao tórax_i ao Pedro_i | ao Pedro_i ao tórax_i)

A redução, ora do complemento com nome parte-do-corpo, ora do complemento dativo, tornam esta estrutura muito mais natural,

(15b) O médico_j fez um raio-X ao tórax_{i;j}

(15c) O médico_j fez um raio-X ao Pedro_i

mas as frases resultantes passam a ser percebidas: ou como uma frase *ambígua* (15b) – sendo uma das interpretações homóloga à da construção neutra (14); ou como uma construção *elíptica* (15b), estando implícito que apenas uma parte do corpo (por exemplo, o *tórax*) do indivíduo denotado pelo nome humano na posição de complemento dativo (*Pedro*) foi objeto do procedimento médico (*raio-x*), e não a totalidade do paciente.

No entanto, quando o nome predicativo admite outras preposições além de *a* para introduzir o nome parte-do-corpo, não se suscitam as dificuldades de aceitabilidade que vimos acima (com a preposição *a* e o



nome *raio-x*). Compare-se o que sucede com o nome predicativo *punção* em (16) quando seleciona a preposição *em*:

- (16) O médico fez uma punção no joelho_i do Pedro_i (A)
(17) Ao Pedro_i # o médico fez-lhe_i uma punção no joelho_i (R)
(18) O médico fez (uma punção no joelho_i ao Pedro_i ao Pedro_i no joelho_i) (R')

Neste caso, tanto a frase (17), resultante da reestruturação dativa, com a extraposição do complemento dativo (R) e a correspondente cópia pronominal; como a frase (18), com o complemento dativo expresso e sem extraposição (R'), independentemente da ordem dos complementos, são aceitáveis. Ora, enquanto *raio-x* parece selecionar apenas a preposição *a*, *punção* admite não só a preposição *em* mas também a preposição *a*. Assim, se este nome predicativo ocorrer construído com esta última preposição (19), tornam a observar-se (21) as mesmas dificuldades de aceitabilidade que vimos acima com *raio-x*, sendo apenas natural a frase com extraposição do complemento dativo (20).

- (19) O médico fez uma punção ao joelho_i do Pedro_i (A)
(20) Ao Pedro_i # o médico fez-lhe_i uma punção ao joelho_i (R)
(21) *O médico fez uma punção (ao joelho_i ao Pedro_i | ao Pedro_i ao joelho_i) (R')

Na medida em que a (in)aceitabilidade da frase resultante da aplicação da operação de *Reestruturação Dativa* é previsível a partir das propriedades lexicais (distribucionais) da construção do nome predicativo, nomeadamente a partir da escolha da preposição que introduz o complemento, a sua generalidade não está, portanto, em causa. O exemplo com a extraposição é, assim, um mero instrumento descritivo, destinado a demonstrar a aplicabilidade da operação.

5. A transformação neutra

Assim, e considerando: (i) que a construção (N) conserva grande parte do significado tanto de (A) como de (R), nomeadamente quanto ao significado do seu núcleo predicativo, constituído pelo verbo-suporte e o nome predicativo; (ii) que não se alteram as restrições distribucionais entre este núcleo predicativo e as várias posições argumentais, nomeadamente, por um lado, entre o nome predicativo e um nome parte-do-corpo, interpretado como objeto do processo; e, por outro lado, entre o nome predicativo e um nome humano, com interpretação não agentiva; (iii) bem como não alteram a seleção da preposição que introduz o complemento com nome parte-do-corpo, verificando-se que estas restrições de seleção são as mesmas tanto em (N) como em (A) e (R); somos, pois, levados a atribuir um estatuto transformacional à relação entre as frases (A) e (N), bem como o mesmo papel semântico de **paciente** ao sujeito da construção (N), por analogia com o papel semântico que, com maior confiança, atribuímos ao complemento dativo em (R).

Nesta transformação, um complemento humano **paciente** passa da posição de complemento indireto (dativo) para a posição de sujeito da construção.

Outras propriedades reforçam esta análise. Por exemplo, quando uma construção admite mais do que um verbo-suporte, algumas das variantes do verbo-suporte elementar da construção (N) permitem a formação da construção agentiva (A). É o caso de *tirar*, que é frequentemente uma variante de *fazer* nas construções que exprimem procedimentos médicos/análises clínicas:

- (22) “[...] um profissional que tirou um raio-X a um paciente” (www.rtp.pt, 21/06/2015)
(23) “[...] a minha mãe [...] tirou um raio-x” (radiohertz.pt, 04/09/2015)



6. O problema da definição das formas de base

Um dos problemas interessantes colocados pelas construções (A) e (N) prende-se com a determinação da forma de base a que se deverá dar entrada no léxico-gramática destes nomes predicativos. Recordemos que, neste quadro teórico, um léxico-gramática é uma representação formalizada, de tipo matricial, em que as construções dos elementos lexicais figuram nas linhas e as propriedades são indicadas em colunas. Neste formalismo, as transformações são propriedades das construções, devendo indicar-se, para cada item lexical, se este autoriza ou não o tipo de frase descrito pela transformação. Tal corresponde à aplicação do conceito harrissiano de *least grammar* (Harris, 1991) e de *paráfrase*: as transformações são consideradas operações formais não orientadas, de equivalência entre frases e, aplicadas sobre as formas de base, permitem obter, com o máximo de economia descritiva, nomeadamente sem repetição da informação distribucional (nem da informação quanto ao papel semântico), outras formas de frase parafrasticamente equivalentes à frase de partida. As frases assim relacionadas transformacionalmente constituem classes de equivalência. As transformações são processos formais entre formas de frase, cuja equivalência é estabelecida por meio de juízos de aceitabilidade e determinando se há conservação ou invariância do significado global (Laporte, 2015). O problema da definição das formas de base é, pois, além de uma questão de adequação, uma questão de determinar as estruturas que maximizam a descrição linguística.

Assim, e seguindo o princípio da projeção máxima do predicado (M. Gross, 1981, 1988), seria mais natural considerar que a forma de frase *mais longa*, com o sujeito humano **agente** (A), deveria ser tratada como a forma de base, a partir da qual se poderia derivar a construção *mais curta* (N), com sujeito **paciente**. É esta a solução, por exemplo, de Chacoto (2005), Dias de Barros (2014) e Dias de Barros *et al.* (2016). Além disso, é difícil conceptualizar um predicado semântico com um argumento **paciente** sem que nele intervenha igualmente um **agente** (ou, eventualmente, uma **causa**).

Contudo, o facto de estas construções nominais envolverem nomes parte-do-corpo e estes, por definição, desencadearem uma interpretação meronímica (parte-todo) ou de posse inalienável com outro nome (tipicamente um nome humano) leva-nos a pôr em causa essa solução. Acresce que a forma reestruturada (R) é mais complexa, e por isso considerada derivada (embora equivalente) à forma com o complemento complexo, formado pelo nome parte-do-corpo e o seu complemento (dito determinativo) humano.

Finalmente, a maioria dos nomes predicativos apresenta apenas 1 ou 2 argumentos (40% e 54%, respetivamente), sendo os casos com 3 argumentos cerca de 6% dos nomes já descritos no léxico-gramática do português. Há, pois, uma certa tendência teórica para encontrar uma solução que contribua para a *least grammar* harrissiana, se se conseguir fazer derivar as formas *mais longas* a partir de formas elementares *mais simples*. Ora, e neste sentido, ainda que as construções nominais sejam objetos claramente distintos das construções de outros elementos predicativos, nomeadamente as construções verbais, parece conveniente que as soluções descritivas no Léxico-Gramática sejam teórica e metodologicamente consistentes. Por essa razão, veremos na secção seguinte qual a solução adotada para a descrição das construções verbais com nomes parte-do-corpo.

7. Comparação com construções verbais com nome parte-do-corpo

A natureza particular dos nomes parte-do-corpo foi justamente um dos critérios formais que, na esteira de Boons, Guillet & Leclère (1976a, 1976b) e Guillet & Leclère (1992), nos levou a constituir (Baptista 1997b, 2004, 2013; Baptista & Mamede, 2020a) uma classe de construções verbais com complemento direto formado por este tipo de nomes (classe **32CL**, com 224 entradas lexicais, e.g. *pentear*). A relação de **posse inalienável** decorrente da natureza dos nomes parte-do-corpo permite, regularmente, a aplicação da Reestruturação Dativa, sendo esta operação definitória da classe:

(24) O Pedro penteou (o cabelo do João = o cabelo ao João).



A mesma relação autoriza, nestas construções, a redução do nome parte-do-corpo, deixando o nome humano **paciente** na posição de complemento direto do verbo:

(25) O Pedro penteou (o cabelo do João \approx o João).

O maior ou menor grau de *apropriação*, no sentido harrissiano deste termo (Harris, 1976: 113-115), da combinação entre o verbo e o nome parte-do-corpo determina os nomes que podem ser reduzidos com diferentes graus de perda de informação (Harris fala de *degenerescência* de informação). Neste caso, dizemos que *cabelo* se encontra numa posição apropriada sob *pentear* por ser o elemento lexical daquela categoria (parte-do-corpo) que tem a mais alta probabilidade de coocorrência como argumento desse verbo (redundância), pelo que contribui com pouca ou nenhuma informação para a frase, podendo assim reduzir-se sem perda de informação (*grosso modo*, sem que o significado da frase se altere). Outros nomes parte-do-corpo poderiam ocorrer como argumentos deste mesmo verbo, mas com uma apropriação menor ao verbo, mas a interpretação do complemento humano **paciente** destes verbos nunca é holística (como em *O Pedro matou o João*) e sempre holonímica. Esta redundância confirma, ainda, a decisão de considerar que, na construção de base destes verbos, o complemento é um nome parte-de-corpo. Naturalmente, a apropriação é uma propriedade lexical, determinada caso-a-caso, para cada operador (o verbo) sobre o seu domínio de argumentos (os nomes parte-de-corpo com que se pode combinar, com diferentes graus de probabilidade). Finalmente, quando a ação denotada pelo nome predicativo é feita ou recai sobre o próprio agente, nestas construções, é possível a redução do complemento determinativo desses nomes:

(26) O Pedro_i penteou (*o cabelo_i do Pedro_i = o seu_i cabelo_i = o cabelo_i).

É essa, de resto, a análise que recebe a construção reflexa:

(27) O Pedro_i penteou (*o cabelo_i do Pedro_i = se_i).

Ainda assim, se as propriedades acima delineadas são de natureza muito geral, uma propriedade sintática destas construções parece, porém, ser estritamente lexical, isto é, não pode ser derivada a partir das propriedades gerais (estruturais e distribucionais) das construções. A par da *Reestruturação Dativa*, alguns (poucos) verbos admitem igualmente uma outra forma de Reestruturação do complemento. Nesta operação, a que chamamos *Reestruturação Locativa*, o complemento também se cinde em dois constituintes, o nome humano **paciente** passa a complemento direto, ficando mais estreitamente ligado ao verbo, e o nome parte-do-corpo surge como complemento locativo:

(28) O Pedro coçou (as costas do João = o João nas costas);

cp. “Coça-me nas costas até eu sangrar.”⁵

A distribuição lexical desta operação ainda não está suficientemente bem determinada, pelo que não aprofundaremos mais neste momento. Chamamos, no entanto, a atenção do leitor para o facto de, nas construções nominais, o complemento parte-do-corpo ter sempre uma estrutura preposicional e uma interpretação locativa.

Ora, uma solução descritiva para as construções nominais que considerasse haver na forma de base um grupo preposicional com nome parte-do-corpo, acompanhado do seu complemento humano (*Npc de Hum*) seria consistente com a solução adotada para as construções verbais homólogas, da classe **32CL**. Uma análise

⁵ [https://ptlyrics.com/cherub/you me and jodeci/](https://ptlyrics.com/cherub/you%20me%20and%20jodeci/), 17/05/2021 (acesso: 28/07/2022).



possível seria, então, derivar a construção neutra a partir da construção agentiva (A), passando primeiro pela forma reestruturada (R):

- (29) O massagista fez uma massagem (a|em)_as costas do João
[Rdat] = (30) O massagista fez uma massagem ao João (a|em)_as costas
[Neutra] = (31) O João *fez uma massagem*

Falta-nos, porém, um aspeto a considerar. Será necessário invocar uma relação transformacional se, no arsenal descritivo da gramática, já existir outra operação que tenha a mesma função? É o que tratamos na secção seguinte.

8. Conversão

Transformacionalmente, a passagem para a posição de sujeito de um complemento **paciente** é um fenómeno relativamente comum. É, de resto, o que se passa em muitas construções passivas verbais, com origem em frases tanto com sujeito **agente** ou **causativo**:

- (32a) O Pedro amordaçou a boca do João
[Passiva *ser*] = (32b) O João foi amordaçado pelo Pedro
(33a) O vento despenteou o cabelo do João
[Passiva *estar*] = (33b) O João está/ficou despenteado

No caso das construções nominais, uma transformação em que algo de semelhante sucede tem vindo a ser estudada, desde finais dos anos 80 – a Conversão (G. Gross, 1989), havendo já alguns trabalhos sobre o português, tanto para a variante europeia (Ranchhod, 1990; Baptista, 1997a, 1997b, 2005; Chacoto, 2005) como brasileira (Rassi *et al.*, 2016; Calcia *et al.*, 2016, Calcia, 2022). Trata-se de frases como:

- (34a) O Pedro deu um abraço ao João
[Conversão] = (34b) O João recebeu um abraço do Pedro
(35a) O Pedro deu um açoite ao João
[Conversão] = (35b) O João levou um açoite do Pedro

De um modo muito sucinto, esta operação tem lugar nas construções dos predicados com dois argumentos com a configuração, **agente–paciente** (como nos exemplos acima) ou **agente–objeto**, a que se chama construção *standard*: exemplos de conversão (abaixo abreviada para ‘Conv’) nas construções com complemento objeto são, por exemplo:

- (36a) O Pedro deu uma lavadela à roupa
[Conv] = (36b) A roupa levou uma lavadela (?do Pedro)
(37a) O Pedro fez/procedeu_a uma caramelização do açúcar
[Conv] = (37b) O açúcar sofreu uma caramelização

A operação consiste na troca de posições sintáticas dos argumentos em torno do núcleo predicativo, mantendo-se o mesmo nome predicativo, substituindo geralmente o verbo-suporte por outro, e introduzindo o novo complemento agentivo por uma preposição; na frase resultante, o predicado apresenta uma configuração **paciente/objeto–agente**, a que se chama construção *conversa*. No caso das construções com objeto, a expressão do sujeito na construção *conversa* é, muitas vezes, pouco natural.



No caso das construções nominais com nome parte-do-corpo, que aqui nos ocupam, verifica-se que apenas um número muito reduzido admite a Conversão. Ainda assim, duas configurações alternativas são, *a priori*, possíveis:

(i) a conversão envolve o argumento **paciente** e tem lugar após a aplicação da *Reestruturação Dativa*; o nome parte-do-corpo tem predominantemente uma interpretação de **locativo**; o complemento agente, embora frequentemente omitido, pode ser expresso:

- | | | |
|-------------------|-------|--|
| | (38a) | O Pedro fez/?pregou um arranhão/arranhadela (a)em_a cara do João |
| [Rdat] = | (38b) | O Pedro fez/?pregou um arranhão/arranhadela ao João na cara |
| [Conv_paciente] = | (38c) | ?O João levou/apanhou/sofreu um arranhão/arranhadela (?do Pedro) na cara |

(ii) uma construção conversa em que o nome parte-do-corpo, com interpretação de **objeto**, ocorre na posição de sujeito:

- | | | |
|-----------------|-------|---|
| [Conv_objeto] = | (38d) | A cara do João levou/apanhou/sofreu um arranhão/arranhadela (?do Pedro) |
|-----------------|-------|---|

Dois outros nomes, com significados semelhantes, admitem a Conversão, e.g. *amputação* e *mutilação*; repare-se que o nome parte-do-corpo tem aqui sempre a interpretação de **objeto**; nestes casos a expressão do **agente** na construção conversa não parece possível.

- | | | |
|-------------------|-------|--|
| | (39a) | O Pedro fez a amputação/mutilação do dedo mínimo do João |
| [Rdat] = | (39b) | O Pedro fez a amputação/mutilação ao João do dedo mínimo |
| [Conv_paciente] = | (39c) | O João sofreu uma amputação/mutilação do dedo mínimo (*Prep o Pedro) |
| [Conv_objeto] = | (39d) | O dedo mínimo do João sofreu uma amputação/mutilação (*Prep o Pedro) |

Verifica-se que, a par das construções conversas (39c-39d), estes nomes parecem admitir também a construção *neutra*, com um sujeito **paciente** (ou, pelo menos, não agente), independentemente da interpretação do complemento parte-do-corpo como **locativo** (38e) ou **objeto** (39e); a expressão do **agente**, nestas construções nunca é possível:

- | | | |
|------------|-------|---|
| [Neutra] = | (38e) | O João _i fez um arranhão/arranhadela na cara _i (*Prep o Pedro) |
| [Neutra] = | (39e) | O João _i fez uma amputação/mutilação do dedo mínimo _i (*Prep o Pedro) |

Estes empregos encontram-se, de resto, bem atestados:

- (40) “[...] Ervin fez um grande arranhão numa perna” (<https://www.salesianos.pt/>, 04/05/2020)
(41) “[...] e tive de fazer uma amputação a baixo <sic> do joelho” (<https://rr.sapo.pt/>, 25/08/2016)

A principal diferença na interpretação das frases conversas e neutras, de resto muito semelhantes por em ambas o sujeito ter o papel semântico de **paciente**, parece consistir na escolha dos verbos-suporte e na interpretação que daí resulta: (a) nas construções conversas encontramos em (38c) verbos como *levar*, *apanhar* e a interpretação global parece envolver claramente um **agente** (mesmo que omissos); o mesmo sucede com o verbo-suporte converso *sofrer*, tanto em (38c) como em (39c); ao passo que, (b) nas construções neutras (38e-39e), o verbo-suporte é *fazer* e a interpretação global parece excluir claramente o envolvimento de um **agente**.

Esta distinção, porém, nem sempre é fácil. No caso de *vacina*, por exemplo, a construção agentiva não admite *fazer*:



- [Conversão] = (42a) O médico deu/ministrou a vacina (da gripe) ao João
 (42b) O João recebeu/apanhou/levou/tomou a vacina (da gripe)
 [Neutra] = (42c) O João fez a vacina (da gripe)

mas com os nomes *enxerto* (de *pele*), *limpeza* (de *pele*) e *transfusão* (de *sangue*) o verbo *fazer* pode ser simultaneamente verbo-suporte da construção agentiva e da construção neutra (como acontece com *raio-x*).

Assim, parece muito consistente a distribuição desta construção neutra e da construção agentiva correspondente nos casos (cerca de 275), em que o verbo-suporte é *fazer*, o sujeito é **paciente** e o complemento é um nome parte-do-corpo e que *não* entram numa construção conversa. Detetamos apenas um caso (*reação*) com um complemento preenchido por um nome concreto e não um parte-do-corpo e que não tem uma construção neutra:

- (43) O Pedro fez uma reação muito forte ao medicamento

9. Fusão

Finalmente, abordemos a questão dos nomes de formação erudita, derivados a partir de nomes parte-do-corpo, e envolvendo os sufixos *-tomia* (*mastectomia*), *-scopia* (*broncoscopia*), *-grafia* (*mamografia*) e *-grama* (*hemograma*) (Baptista & Markov, 2016). Nestes casos, dada a sua formação erudita, pode dizer-se que o nome parte-do-corpo se encontra integrado no nome predicativo que designa o ato médico/clínico:

- (44a) O Pedro fez uma mastectomia ao João
 = (44b) O Pedro fez a ablação de um seio/uma mama ao João
 (45a) O Pedro fez uma broncoscopia ao João
 = (45b) O Pedro fez um exame aos brônquios do João
 (46a) O Pedro fez uma mamografia ao João
 = (46b) O Pedro fez um exame a um seio/uma mama do João
 (47a) O Pedro fez um hemograma ao João
 = (47b) O Pedro fez uma análise ao *sangue do João*

Pode considerar-se que estes nomes derivados não são precisamente formas da base do léxico-gramática, mas resultam de uma operação de *Fusão* (M. Gross, 1981) entre um nome predicativo genérico (*ablação*, *excisão*, *exame*, *análise*) com o seu complemento parte-do-corpo. O conceito de *Fusão* não se esgota, contudo, no fenómeno aqui tratado, sendo de uma certa generalidade e tendo já sido utilizado para descrever, por exemplo, construções de nomes predicativos associados a nomes de instrumento (Baptista, 2004) ou construções verbais locativas (Rodrigues *et al.*, 2015).

É esta análise por *Fusão* que explica, por exemplo, a elevada redundância observada – e que se traduz na fraca aceitabilidade ou mesmo na inaceitabilidade das expressões, quando o nome predicativo aparece construído com um complemento nome parte-do-corpo contendo o mesmo nome de que o nome predicativo é derivado:

- (48a) ?*O Pedro fez uma mastectomia/mamografia à mama/ao seio do João
 (49a) ?*Pedro fez uma broncoscopia aos brônquios do João
 (50a) ?*O Pedro fez um hemograma ao sangue do João

Esta redundância desaparece se o nome parte-do-corpo receber uma modificação particularizante:



- (48b) O Pedro fez uma mastectomia/mamografia à mama direita/ao seio direito do João
(49b) O Pedro fez uma broncoscopia aos brônquios superiores do João

embora com alguns nomes seja difícil imaginar uma situação que pudesse melhorar a aceitabilidade da frase:

- (50b) *?/*O Pedro fez um hemograma ao sangue (venoso/arterial/...) do João

Contudo, sendo indispensável a sua descrição formal no léxico-gramática, por forma a permitir o seu processamento nos textos em que ocorrem (Markov *et al.*, 2014), integrámo-los como entradas autónomas daqueles nomes genéricos, propondo para cada um (pelo menos tentativamente, dada a natureza bastante técnica de alguns deles) o correspondente nome parte-do-corpo a que estão associados. Os nomes genéricos, por seu turno (*ablação, análise, auscultação, exame, excisão*, etc.) deverão poder determinar-se, com maior ou menor apropriação, a partir dos sufixos correspondentes.

Há, naturalmente, outros nomes predicativos construídos com estes sufixos mas que poderão relevar de outros processos derivacionais, pois não envolvem um nome parte-do-corpo: *radiografia, ecografia, eletromiograma*, etc. Estes nomes não suscitam, assim, os fenómenos de redundância que exemplificamos abaixo:

- (51a) O Pedro fez uma radiografia ao tórax do João
(52a) O Pedro fez uma ecografia ao abdómen do João
(53a) O Pedro fez um eletromiograma ao bíceps direito do João

O que é relevante aqui é o facto de todos estes nomes que denotam procedimentos médicos, exames ou análises clínicas admitirem regularmente a construção neutra, exatamente com os mesmos fenómenos de redundância a que nos referimos acima:

- (48c) O João fez uma mastectomia/mamografia (*?à mama / à mama direita)
(49c) O João fez uma broncoscopia (*?aos brônquios / aos brônquios superiores)
(50c) O João fez um hemograma (?ao sangue)

10. Um mapa das construções neutras

No seu estado atual, o léxico-gramática dos nomes predicativos do português europeu (Baptista & Mamede, 2020b) conta com mais de 9.100 entradas léxico-sintáticas. Cada construção é descrita indicando-se o número de argumentos, a natureza distribucional de cada um (nomes humanos, não-humanos, nomes parte-do-corpo, entre outros) e os respetivos papéis semânticos, bem como os verbos-suporte que cada nome predicativo seleciona nas diferentes construções que determina. São igualmente apresentadas as principais transformações admitidas (nomeadamente, a formação da construção neutra).

Com base nestas informações, é possível traçar um mapa suficientemente preciso do subsistema da gramática dos nomes predicativos construídos com nomes parte-do-corpo. É a partir dessa visão de conjunto que nos é possível considerar o comportamento destes nomes e determinar a maior ou menor adequação de uma dada proposta de análise a partir da sua extensão lexical.

Assim, determinámos, em primeiro lugar, todos os nomes predicativos que admitiam um complemento com nome parte-do-corpo (490), independentemente da natureza distribucional e do papel semântico do seu sujeito. Estes nomes exprimem uma grande variedade de predicados semânticos, e.g. **ações** (e.g. *O Pedro deu um beliscão ao João*), **estados** (*O Pedro teve/estava com uma indisposição no estômago*), **processos** ou **resultados de processos** (*Este tecido sofreu (um processo de) calcificação*; *O Pedro tem uma calcificação na vesícula*), **sensações físicas** (*O Pedro tem comichão na sola do pé*), **nomes de doença** (*O Pedro tem uma*



escoliose nas vértebras lombares), **sintomas** e **manifestações físicas** (*O Pedro tem borbulhas no rosto*), **procedimentos médicos** (*O Pedro fez o transplante de um rim*), **exames clínicos** (*O Pedro fez um raio-x ao tórax*), etc.

De uma forma esquemática, os nomes predicativos deste subsistema do léxico-gramática das construções com nomes parte-do-corpo podem organizar-se em três grandes conjuntos relativamente homogêneos. (Os números apresentados são meramente indicativos. Tratando-se de um trabalho em curso, a base de dados do léxico-gramática é um objeto em constante revisão e permanente atualização.)

A. Um conjunto de nomes com sujeito humano **agente** e o complemento preenchido por um nome humano **paciente** e/ou um nome parte-do-corpo, ou seja, formas de frase que reúnem todas as condições formais mas *não* admitem a construção neutra. Este conjunto, apesar de pequeno, é ainda em número apreciável (50), encontrando-se entre eles os nomes que designam *atos violentos* (e.g. *açoite*, *belisco*, *piparote*, *pontapé*) eventualmente associados a nomes de instrumento (Baptista, 2004; e.g. *alfinetada*, *chibatada*, *chinelada*):

(54) O Pedro deu um açoite/belisco/piparote/pontapé no rabo do João

(55) O Pedro deu uma alfinetada/chibatada/chinelada no rabo do João

Certos nomes, como *cremação*, só admitem uma interpretação *holística* do complemento, admitindo eventualmente um nome parte-do-corpo que denote a totalidade do corpo físico do **paciente**:

(56a) O Pedro fez a cremação de_ (o corpo) o João

Todos estes nomes, exceto *cremação*, admitem a Reestruturação Dativa,

(54b) O Pedro deu um açoite/belisco/piparote/pontapé ao João no rabo

(55b) O Pedro deu uma alfinetada/chibatada/chinelada ao João no rabo

(56b) *O Pedro fez a cremação ao João (de/em_) o corpo

Assim, estas construções com complemento dativo, ilustradas em (54b) e (55b), não podem ser consideradas como frases da base. Pelo contrário, nelas o complemento dativo deverá ser derivado transformacionalmente a partir da estrutura mais compacta em que o seu nome aparece como complemento determinativo do nome parte-do-corpo.

Registamos apenas três nomes usuais (*coice*, *picada* e *picadela*) que apresentam um sujeito não humano e complemento parte-do-corpo. As construções de *picada* e *picadela*, equivalentes a ‘injeção’, com sujeito **agente** estritamente humano foram desdobradas dos empregos com sujeito preenchido por nome de inseto (*abelha*, *mosquito*, *vespa*). Note-se que a forma reduzida destes nomes, *pica*, apenas é equivalente ao sentido de ‘injeção’, com sujeito humano. Considera-se o sentido literal de *coice* a construção com um nome não humano apropriado, denotativo de animal (*burro*, *cavalo*) na posição de sujeito. O emprego figurado de *coice* com um sujeito como *arma* foi desdobrado. Também o uso metafórico de *coice*, o m.q. ‘rejeição’ (*A Ana deu um coice ao João*) com sujeito e complemento estritamente humanos foi desdobrado, já que não admite um nome parte-do-corpo como complemento (^o/**A Ana deu um coice nas pernas do João*) e, por isso, não faz parte deste estudo (a ser aceitável, esta frase é apenas um emprego metafórico da construção literal). Há ainda a considerar o nome *autotomia*, com sujeito não humano animado, de natureza agentiva, isto é, com sujeito preenchido por nome de animal. Este nome é pouco usual e de uso técnico/especializado, e corresponderá a um emprego como *A alforreca faz autotomia dos seus tentáculos <para se libertar dos predadores>*.

Um pequeno conjunto de nomes (*contração*, *inclinação*), com sujeito humano **agente** e um complemento com nome parte-do-corpo, obrigatoriamente correferente do sujeito da construção, não admite nem um complemento **paciente**, nem, por consequência, a construção neutra: *O Pedro fez uma contração dos músculos*



(E /*do João), *O Pedro fez/deu uma inclinação à/da cabeça* (E /*do João). O nome *meneio*, de sentido semelhante ao do *inclinação*, aceita mal a preposição *a* a introduzir o complemento parte-do-corpo, sendo mais natural com um complemento instrumental introduzido por *com* (que aqui não considerámos): ?/**O Pedro fez/deu um meneio à/da cabeça*. *O Pedro fez/deu um meneio com a cabeça*.

B. Um segundo conjunto (154) com sujeito **experimentador** e complemento nome parte-do-corpo que não admite a construção agentiva nem, naturalmente, a construção neutra: *O Pedro_i tinha acidez no estômago_i*. Com estes nomes observa-se regularmente a relação meronímica entre o sujeito e o complemento. Na medida em que o nome parte-do-corpo está meronimicamente ligado ao sujeito, não admite a inserção de um complemento determinativo: **O Pedro_i tinha acidez no estômago_i (do Pedro_i/João_j)*. Por essa razão, não se aplica nestes casos a Reestruturação Dativa.

C. Em terceiro lugar, o conjunto dos nomes com complemento preenchido por um nome parte-do-corpo e que admitem a construção neutra (275), que é o foco deste artigo. Todos estes nomes admitem, na construção com sujeito **agente**, a operação de Reestruturação Dativa. Ao autonomizar o complemento do nome parte-do-corpo, deixando-o numa posição mais estritamente ligada ao núcleo da frase, esta operação torna mais saliente o seu valor como **paciente** do predicado. Permite ainda, de modo geral, a redução apropriada do nome parte-do-corpo. À semelhança do que se disse sobre o conjunto A, é possível considerar que o complemento dativo não faz parte da forma de frase da base e é derivado transformacionalmente.

Apenas os nomes *amputação* e *mutilação*, de que já falámos, parecem não aceitar a redução do nome parte-do-corpo na construção agentiva. Recordemos que esta operação deixa o **paciente** como complemento indireto (dativo), resultante da *Reestruturação Dativa* (retomamos aqui o exemplo (39a-b)), possibilitando, assim, a redução apropriada do nome parte-do-corpo com valor de **objeto**: *O Pedro fez a amputação/mutilação do dedo mínimo (a/de)_o João* cp. ?**O Pedro fez uma amputação/mutilação ao João*.

11. Conclusão

Procuraremos, finalmente, fazer uma síntese de todas as observações aqui feitas, concluindo quanto ao estatuto das construções neutras no quadro mais abrangente das construções nominais.

A construção neutra parece regularmente associada a uma forma de frase com sujeito humano **paciente** (= não agente, não experimentador) e ao emprego regular do verbo-suporte *fazer*. Este emprego do verbo *fazer* é percebido como claramente distinto das construções em que *fazer* é suporte standard e ocorre com sujeito **agente**.

A construção neutra também percebida como distinta das construções conversas, ainda que ambas apresentem sujeito **paciente**, (as conversas admitem ainda um sujeito **objeto**) mas que normalmente envolvem outro tipo de suportes e desencadeiam uma interpretação elíptica, estando associadas a predicados que claramente incluem um **agente**, um **paciente** e um **objeto** (ou **locativo**), desempenhado pelo nome parte-do-corpo. Há, assim, razões para considerar que a construção neutra é de outro tipo, diferente da construção conversa.

Parece, pois, estarem reunidas condições para generalizar ao conjunto dos nomes predicativos construídos com complemento nome parte-do-corpo a propriedade taxonómica relevante de apresentarem *apenas dois* argumentos das formas da base, sendo o seu sujeito ou **agente** (grupo A), ou **experimentador** (grupo B) ou **paciente** (grupo C). O argumento nome parte-do-corpo, na posição de complemento, pela sua natureza, desencadeia a interpretação de **posse inalienável**. Dessa propriedade sintática-semântica característica dos nomes parte-do-corpo decorre um conjunto de propriedades sintáticas e transformacionais das respetivas construções em que estes se inserem. Quando os nomes predicativos que se combinam com um nome parte-do-corpo apresentam um complemento dativo, este é transformacionalmente derivável de uma estrutura nominal complexa (*Npc de Hum*): conjuntos A e C; quando não admitem esse complemento dativo, apresentam



obrigatoriamente uma relação meronímica entre o sujeito **experimentador** e o nome parte-do-corpo do complemento: conjunto B.

Esta regularidade formal e semântica (2 argumentos), associada à generalidade dos processos transformacionais aqui apresentados, leva-nos a considerar que as formas de frase com sujeito **agente** relacionadas com formas que descrevemos como construções neutras (com sujeito **paciente**) (grupo C) podem ser derivadas, mediante indicação explícita dessa propriedade entre outras das representadas no léxico-gramática, a partir de uma forma mais simples (B), preservando o conceito mais abrangente de se tratar de predicados com dois argumentos.

Ainda que esta solução pareça contradizer o princípio da projeção máxima do predicado, que tem sido conceito fundamental no quadro teórico do Léxico-Gramática (e para lá dele), é possível apontar outras construções léxico-sintáticas em que soluções semelhantes foram adotadas. Assim, em Gross (1989: 30 ss.), referem-se as relações entre frases elementares e frases agentivas e causativas, entre elas as construções com o verbo-operador *faire* (fazer), conceito introduzido em Gross (1981); a interpretação agentiva ou causativa depende sobretudo da natureza distribucional do sujeito do verbo-operador; nesse sentido, em (exemplos traduzidos do autor):

(57a) (A música | O Pedro) fez # O João dorme.

(57b) (A música | O Pedro) fez (o João dormir | dormir o João).

o sujeito humano de *fazer* desencadeia na maior parte das vezes uma interpretação **agentiva**, ao passo que o emprego de um nome concreto naquela mesma posição corresponde a uma distribuição de *nome não-restrito* (M. Gross, 1975:50–52; Baptista, 2005:69), isto é, uma posição sintática que sofre fracas restrições distribucionais, com um valor proposicional, podendo ser preenchida por variados itens lexicais, incluindo estruturas completivas; esse preenchimento lexical induz uma interpretação **causal**. Estas construções levam muitas vezes à reestruturação da frase encaixada, como se ilustra.

O conceito de verbo-operador é de uma grande generalidade e tem um impacto profundo na estrutura do Léxico-Gramática da língua. Serve, por exemplo, para definir uma classe de construções verbais (Baptista & Mamede, 2020; classe **32TA**, 320 entradas) em que se observa regularmente a sua derivação a partir da aplicação de um verbo-operador sobre uma construção adjetival, e.g. *Esse sistema simplificou todo o procedimento*; *Esse sistema tornou (mais) simples todo o procedimento*; *Esse procedimento é simples*.

Partindo deste conceito de *verbo-operador agentivo*, é possível alargar o seu domínio de aplicação e estendê-lo à descrição das construções neutras. A introdução da transformação neutra e de verbo-operador agentivo permitem descrever de forma consistente estas construções no quadro do léxico-gramática. Permitem, nomeadamente, regularizar a descrição do diversificado conjunto dos nomes predicativos construídos com nome parte-do-corpo, identificando os três conjuntos acima referidos, todos com uma estrutura de predicado com dois argumentos. A formalização explícita da transformação no léxico-gramática, garantindo a cumulatividade dos dados, permitirá explorar e avaliar outras soluções descritivas que vierem a sugerir-se.

O trabalho de descrição das construções com nomes predicativos e verbo-suporte não está ainda concluído. A partir dos dados já disponíveis, pretendemos, num futuro próximo, construir um módulo da gramática de um sistema de processamento de linguagem natural, o sistema STRING (Mamede *et al.*, 2012), que, à semelhança de (Baptista & Mamede, 2020b) permita reconhecer estas expressões em textos e representar de forma abstrata o predicado semântico que eles denotam (em especial os seus argumentos), com vista a diferentes aplicações computacionais. Pretendemos ainda avaliar o impacto que o reconhecimento destas expressões terá na representação das relações de dependência existentes nas bases de dados sintáticas (*treebanks*) disponíveis para o português. Outra dimensão do trabalho futuro prende-se com o mapeamento das diferenças e semelhanças entre as propriedades destas construções, descritas com referência ao português europeu, e as construções correspondentes na variante do português brasileiro, usando, por exemplo, os dados já disponíveis, como o *corpus* de Rassi *et al.* (2015) ou o *corpus* fornecido pelo projeto PARSEME (Ramisch *et al.*, 2020).



12. Referências

- Baptista, Jorge (1997a) *Sermão, tarefa e facada*. Uma classificação das construções conversas *dar-levar*. *Seminários de Linguística*, 1, pp. 5-37.
- Baptista, Jorge (1997b) Conversão, nomes parte-do-corpo e reestruturação dativa. *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Braga-Guimarães, 30 de setembro a 2 de outubro de 1996) *Linguística* 1, pp. 51-59.
- Baptista, Jorge (1999). *Fazer/fazer com*: um verbo operador do português. *Seminário de Linguística*, 3: pp. 163-171.
- Baptista, Jorge (2004) Instrument nouns and fusion. Predicative nouns designating violent actions. *Linguisticae Investigationes Supplementa. Lexique, Syntaxe et Lexique-Grammaire/Syntax, Lexis & Lexicon-Grammar: Papers in honour of Maurice Gross*, pp. 31-40.
- Baptista, Jorge (2005) *Sintaxe dos predicados nominais com ser de*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Baptista, Jorge (2013) ViPER: Uma base de dados de construções léxico-sintáticas de verbos do Português Europeu. *Actas do XXVIII Encontro da APL – Textos Seleccionados*, pp. 111-129.
- Baptista, Jorge & Iliia Markov (2016) Morphosyntactic processes involving body-part nouns in Portuguese. In Claire Martinot; Christiane Marque-Pucheu; Sonia Gerolimich (Eds.) *Perspectives harrissiennes*, CRL, pp. 255-267.
- Baptista, Jorge & Nuno Mamede (2020a) *Dicionário Gramatical de Verbos do Português*. Universidade do Algarve Editora.
- Baptista, Jorge & Nuno Mamede (2020b) Syntactic Transformations in Rule-Based Parsing of Support Verb Constructions: Examples from European Portuguese. In Alberto Simões, Pedro Rangel Henriques & Ricardo Queirós (Eds.) *9th Symposium on Languages, Applications and Technologies (SLATE 2020)* Dagstuhl, pp. 11:1-11:14.
- Boons, Jean-Paul, Alain Guillet & Christian Leclère (1976a) *La structure des phrases simples en français: constructions intransitives* (Vol. 1). Droz.
- Boons, Jean-Paul, Alain Guillet & Christian Leclère (1976b) *La structure des phrases simples en français: classes de constructions transitives*. Rapport de Recherches du LADL no 6. Université Paris, 7.
- Calcia, Nathalia (2022) *Dar e receber um abraço: uma análise da conversão em português brasileiro*. Tese de doutoramento, Universidade Federal de São Carlos.
- Chacoto, Lucília (2005) *O Verbo 'fazer' em Construções Nominais Predicativas*. Tese de doutoramento, Universidade do Algarve.
- Dias de Barros, Cláudia (2014) *Descrição e classificação de predicados nominais com o verbo-suporte fazer no Português do Brasil*. Tese de doutoramento, Universidade Federal de São Carlos.
- Dias de Barros, Cláudia, Oto Vale & Jorge Baptista (2016) Fazer um exame: Análise de predicados nominais com o verbo-suporte 'fazer' no português do Brasil. *Léxico e suas interfaces: Descrição, reflexão e ensino*. São Paulo: Cultura Acadêmica, pp. 149-160.
- Fotopoulou, Aggeliki, Éric Laporte, Takuya Nakamura (2021) Where Do Aspectual Variants of Light Verb Constructions Belong? *Proceedings of the 17th Workshop on Multiword Expressions (MWE 2021)*. Association for Computational Linguistics, pp. 2-12.
- Galvão, Ana, Jorge Baptista & Nuno Mamede (2019a) Processing European Portuguese Verbal Idioms: From the Lexicon-Grammar to a Rule-based Parser Computational and Corpus-based Phraseology. In Corpas Pastor, Gloria, Ruslan Mitkov, Maria Kunilovskaya & María Araceli Losey León, *Proceedings of the Third International Conference EUROPHRAS 2019*, Tradulex, pp. 70-77.
- Galvão, Ana, Jorge Baptista & Nuno Mamede (2019b) New developments on processing European Portuguese verbal idioms. In Prolo, Carlos Augusto & Leandro Henrique Mendonça de Oliveira (Eds.) *12th Symposium in Information and Human Language Technology*, pp. 229-238.
- Gross, Gaston (1989) *Les constructions converses du français*. Paris: Librairie Droz.



- Gross, Maurice (1981) Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. *Langages*, (63), pp. 7-52.
- Gross, Maurice (1998) Methods and tactics in the construction of a lexicon-grammar. *Linguistics in the morning calm 2. Select papers from SICOL 1986*, Hanshin Publishing Company, Seoul, pp. 177-197.
- Guillet, Alain & Christian Leclère (1981) Restructuration du groupe nominal, in Formes syntaxiques et prédicats sémantiques, *Langages* 63, pp. 99-125.
- Harris, Zellig S. (1964) The Elementary Transformations. In Hiz H. (Ed.) 1981 *Papers on Syntax*. Synthese Language Library (Text and Studies in Linguistics and Philosophy), vol 14. Springer, Dordrecht, pp. 211-235.
- Harris, Zellig S. (1982) *A Grammar of English on Mathematical Principles*. New York: John Wiley & Sons.
- Harris, Zellig S. (1991) *A Theory of Language and Information – A Mathematical Approach*. Oxford: Clarendon Press.
- Harris Zellig S. & Maurice Gross (1976) *Notes du cours de syntaxe*. Paris: Éd. du Seuil.
- Markov, Iliia, Nuno Mamede & Jorge Baptista (2014) Whole-part relations rule-based automatic identification: issues from fine-grained error analysis. In *Mexican International Conference on Artificial Intelligence*. Springer: Cham, pp. 37-50.
- Lamiroy, Béatrice (1998) Le lexique-grammaire. Essai de synthèse. *Travaux de linguistique*, 37, pp. 7-24
- Laporte, Éric (2015) The science of Linguistics. *Inference: International Review of Science*, 1(2), 1.
- Leclère, Christian (1995) Sur une restructuration dative. *Language Research* 31-1. Seoul: Language Research Institute, Seoul National University, pp. 179-198.
- Mamede, Nuno, Jorge Baptista, Cláudio Diniz & Vera Cabarrão (2012) STRING - A Hybrid Statistical and Rule-based Natural Language Processing Chain for Portuguese. In Abad, Alberto (ed.) *International Conference on Computational Processing of Portuguese (PROPOR 2012) - Demo Session (2012)*, <http://www.inesc-id.pt/ficheiros/publicacoes/8578.pdf>
- Ranchhod, Elisabete (1990) *Sintaxe dos predicados nominais com estar*. Lisboa: INIC.
- Rassi, Amanda, Jorge Baptista & Oto Vale (2015) Um ‘corpus’ anotado de construções com verbo-suporte em português. *Gragoatá*, 20(38). <https://doi.org/10.22409/gragoata.v20i38.33307>
- Rassi, Amanda, Nathalia Calcia, Oto Vale & Jorge Baptista (2016) Estudo contrastivo sobre as construções conversas em PB e PE. In Nadin, O., Ferreira, A. & Fargetti, C. (Org.) *Léxico e suas interfaces: descrição, reflexão e ensino*. São Paulo: Cultura Acadêmica, pp. 199-218.
- Ramisch, Carlos, Agata Savary, Bruno Guillaume, Jakub Waszczuk, Marie Candito, Ashwini Vaidya, Verginica Barbu Mititelu, Archana Bhatia, Uxoia Iñurrieta, Voula Giouli, Tunga Güngör Menghan Jiang, Timm Lichte, Chaya Liebeskind, Johanna Monti, Renata Ramisch, Sara Stymne, Abigail Walsh & Hongzhi Xu (2020) Edition 1.2 of the PARSEME shared task on semi-supervised identification of verbal multiword expressions. In *Proceedings of the Joint Workshop on Multiword Expressions and Electronic Lexicons*, online, December. Association for Computational Linguistics, pp. 107-118.
- Rodrigues, Roana, Jorge Baptista & Oto Vale (2015) Análise contrastiva da classificação sintático-semântica dos verbos locativos no Português do Brasil e no Português Europeu. In Freitas, Claudia & Alexandre Rademaker (eds.). *X Brazilian Symposium in Information and Human Language Technology (STIL 2015) and Collocated Events*, 4-7 novembro 2015, Natal, Rio Grande do Norte (Brasil), pp. 233-240.
- Talhadas, Rui, Nuno Mamede & Jorge Baptista (2013) Semantic roles for Portuguese verbs. In *32nd International Conference on Lexis and Grammar, CLG'2103*, Universidade do Algarve, pp. 127-132.

